

# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 10 - Ano 5 - Nº 10 - Julho / 2017

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 12 – A ARQUITETURA DO TEMPO NA ARTE LUSO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Margarete Barbosa Nicolosi Soares\*

### Resumo

O presente artigo visa retratar diálogos e reflexões elaborados a partir da observação direta de algumas obras tridimensionais de dois artistas contemporâneos reconhecidos em Portugal e no Brasil. As obras foram selecionadas da exposição “Diálogos (in) directos”, 2007, de Mónica Oliveira, bem como do Projeto “As paredes têm orelhas”, 2014, de Alcindo Moreira Filho. O texto relaciona a estética e a ressonância das obras de ambos e simula um diálogo entre elas. O texto traz ponderações dialéticas com alguns pensamentos de Gaston Bachelard nos capítulos I e X de seu livro “Poética do Espaço”: “A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana” e “Fenomenologia do redondo”.

Palavras-chave: Forma tridimensional. Artes visuais. Espaço e tempo.

### Abstract

The architecture of the time in the Luso-Brazilian contemporary art.

This article aims to establish dialogues and reflections from the direct observation of some three-dimensional works of two contemporary artists well-known in Portugal and Brazil. The works were selected from the exhibition "Dialogues (in) direct," in 2007, Monica Oliveira, and the project "The walls have ears," 2014, Alcindo Moreira Filho. The text relates the aesthetics and the resonance of their works by simulating a dialogue between them. The text's reflections interact with some thoughts of Gaston Bachelard, in particular his book "Poetics of Space," the cap. I and X: "The house. From the basement to the attic. The direction of the cabin "and" Phenomenology of round".

Keywords: Three-dimensional shape. Visual arts. Space and time.

As reflexões aqui desenvolvidas não pretendem abarcar a complexidade estética das obras escolhidas e da época em que elas se inserem, mas sobretudo pensar o que estas obras suscitam a partir de si mesmas.

\* **Margarete Barbosa Nicolosi Soares** – Doutora em Artes, arte-educadora, artista plástica e pesquisadora. Docente na UNIMES, em Santos, SP. Foi docente na UNICASTELO, SP, e docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/ USP, SP. Faz parte do grupo de Pesquisa: Palavra e Imagem, no CAP, ECA/USP. Pesquisa na área de ensino e aprendizagem da arte e linguagem tridimensional. [magaiancatu@hotmail.com](mailto:magaiancatu@hotmail.com); [margaretebarbosa@usp.br](mailto:margaretebarbosa@usp.br).

A exposição “Discursos (in)directos” (2007),  
de Mónica Oliveira<sup>1</sup>



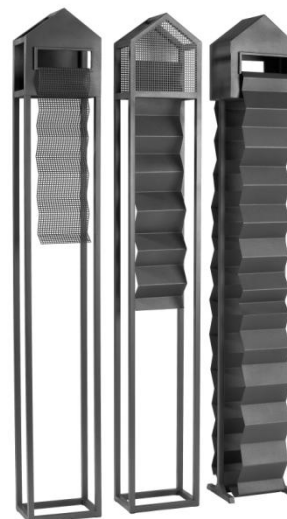
Monica Oliveira, “Refúgio”, 2007. Ferro pintado.  
25,5 x 34 x 7 cm.



Mónica Oliveira, “Esconderijo”, 2007. Ferro  
pintado. 39,0 x 34,5 cm.



Monica Oliveira, “Teia das palavras”. 2007. Ferro  
pintado. 1,46 x 28 x 12 cm. 1,46 x 28 x 12 cm.



Mónica Oliveira, “Palavras mutantes”, 2007. Ferro  
pintado. 175 x 27 x 18 cm.

As cartas, de certo modo simulacros ou mesmo microcosmos das casas, abrigavam, num passado não ainda muito distante, as nossas confidências amorosas, as aventuras, as viagens, as notícias das paisagens e dos acontecimentos humanos. E assim como há casas antigas e casas novas, de taipa e de tijolo, de madeira, de pedra e de papel, assim também há casas de ferro e de sonho. De igual modo há cartas de amor e de raiva, cartas para rir e para chorar, cartas de novidades e de banalidades, cartas verdadeiras e cartas hipócritas, cartas choradas e cartas perfumadas. E assim quando uma carta chega a uma casa ela de algum modo partilha mais ou menos explicitamente algo do que se passa ou faz parte da história da sua casa.

Segundo Laureano Silveira, traduziu a exposição Discursos (in)directos como a “Presentificação do Ausente”:

(...) discursos (in)directos - convida-nos a regressar à matriz antropogenética da comunicação, restaurando os laços metapsicológicos que unem os seres humanos pelos símbolos em dimensões de exterioridade sócio-afectiva. Um desses símbolos é a carta e os significantes a ela associados – envelopes, folhas, postais, caixas de correio, selos - formas geradoras de conteúdos. Mas também as palavras e os conceitos – sonho, viagem, memórias, destino, ilusão, encontro, fuga,... – conteúdos que se instituem como formas, convidando ao diálogo entre o concreto e o abstracto, entre o objectivo e o subjectivo, entre o mundo e a sua representação e que, indo para além destas e de outras dualidades, numa visão que relaciona o múltiplo e o heterogéneo, respeitando o

<sup>1</sup> **Mónica Oliveira** – Pós-doutorada em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutora em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Salamanca, 2000. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, desde 1996. Investigadora integrada do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano da Universidade Católica do Porto. Investigadora colaboradora do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – Núcleo de Educação Artística da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Autora de várias publicações na área da Educação Artística, Ilustração e Artes Plásticas. Como escultora participou em várias exposições coletivas e individuais no país e no estrangeiro.

«tecido comum» (Morin, 1988) com que se faz a realidade, entrelaça os destinos de cada um no destino colectivo da condição humana (SILVEIRA, 2007).

As formas envelopes casas dos “Discursos (in) directos” suscitam como que uma arquitetura dos sonhos e transportam-nos para o mundo suprarreal, do qual somos muitas vezes ou quase sempre afastados pelas contingências da vida, mas que no fundo e em última instância nos é tão íntimo. “(...) todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, p. 200).

A casa é o lugar onde somos iniciados nos primeiros passos, palavras, sabores, leituras, descobertas, sentimentos e sonhos. É o local primordial do acolhimento e do encontro, um lugar de intimidade, abrigo, segurança e proteção.

A casa minimalista e geometrizada por si remete à essência, ao que tem valor; atrai-nos e captura o olhar, traduz a intimidade do espaço interior em que nos abrigamos. A casa fechada lembra-nos todas as casas que nos deram proteção e segurança, intensifica e potencializa os nossos afetos e anseios. A casa aberta por sua vez já nos faz refletir sobre a abertura ao mundo, o relacionamento com o exterior, o ir e vir no espaço.

A contemplação aprofundada causa uma suspensão temporária da vida quotidiana e levamos para a imaginação da filosofia do habitar. Deixamo-nos percorrer pelas lembranças adormecidas da infância, época em que a vontade instintiva e a imaginação livre moviam as nossas mãos e associações de pensamentos. Esquecemos então por momentos da vida manipulada pelo apelo ao consumo, e vendida e propagada pelos meios de comunicação, de modo a consumirmos tanto a obra como a nós mesmos. Passamos então de novo de observadores contemplativos a participantes por atração e por vontade, esta mais ou menos consciente. Mas nesses momentos de contemplação mergulhamos na imensidão íntima do ser como buscadores sonhando com o tempo perdido, com o ambiente da infância, com a segurança maternal ou mesmo divina.

Na “Poética do Espaço”, Bachelard inaugura o primeiro capítulo com um estudo sobre: “A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana”, e salienta:

É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo” (BACHELARD, p. 208).

A arquitetura dos sonhos une o envelope com a casa. Juntos, eles protegem, isolam, abrigam e refugiam o sonhador. O ser que habita a casa é o mesmo que habita a carta. Ora somos corpo

carnal, ora somos corpo literário. Nossas palavras são aquilo que respiramos, inspiramos e exalamos, ou seja, o que somos, do que nos alimentamos e amamos.

As cartas trazem-nos de volta para casa, para o lugar seguro. Da casa partimos: cartas abertas. Para casa voltamos: cartas escritas. E na casa chegamos: cartas fechadas.

Pois a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção da palavra. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela (BACHELARD, p. 200).

A verticalidade da casa intensifica e dialoga com a verticalidade do homem. As lembranças da casa ativam a imaginação, trazem à consciência os sonhos e os seus valores, tal como afirma Bachelard: “somos mais poetas do que verdadeiros historiadores”. A arquitetura dos sonhos traz-nos, pois, a emoção da palavra e da poesia perdida (BACHELARD, p.201).

A casa é imaginada como um ser vertical. Ela se eleva. Ela diferencia-se no sentido da sua verticalidade. É um dos apelos à nossa consciência de verticalidade (BACHELARD, p.208).

A obra sacia o nosso desejo de subir ao céu: “Os elevadores destroem os heroísmos da escada. Já quase não há mérito em morar perto do céu”. Assim como o automatismo no envio de e-mails destrói as sutilezas e inspirações da carta: o seu perfume, a intencionalidade, o toque na pele papel, a expectativa da espera, a surpresa na chegada, no fundo a casa que chega a outra casa, a comunicação dos microcosmos no macrocosmos. E é este convite à comunicação sócioafetiva que Silveira exalta nas obras de Mónica Oliveira:

Num tempo de «nomadismo cosmopático», em que os seres humanos das sociedades globalizadas se exercitam na «reformatação da personalidade para o novo mundo sincrónico», cumprindo um processo histórico-político-antropológico que «representa uma contínua onda de insularidade, definidora do próprio indivíduo» (Slöterdijk, 1996), aquilo a que chamaríamos a face visível da presente proposta de Mónica Oliveira – discursos (in)directos - convidamos a regressar à matriz antropogenética da comunicação, restaurando os laços metapsicológicos que unem os seres humanos pelos símbolos em dimensões de exterioridade sócio-afectiva (SILVEIRA, 2007).

Quando olho a escada, desejo abrir as janelas do céu, desfazer as paredes do abrigo e poder voar nas asas de liberdade. “Diálogos (in) directos” dialogam com as histórias da nossa casa íntima. Todos temos um lugar no mundo, um canto, uma casa.

**Projeto: “As paredes têm orelhas”  
(2010-2015), de Alcindo Moreira Filho<sup>2</sup>**



Alcindo Moreira Filho, projeto “As paredes têm orelhas”.  
Ferro oxidado e pintado. Várias dimensões. 2014.



<sup>2</sup>Alcindo Moreira Filho, 1950, Natural de Caconde - SP, Brasil, graduado em Artes Plásticas desde 1975. Professor Livre Docente com Doutorado e Mestrado pela Escola de Comunicações e Artes, ECA – Universidade de São Paulo, USP. Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP. Cursos em Espanha, Inglaterra e Itália. Realizou diversas exposições nacionais e internacionais. Homenageado na UNESP que deu o seu nome a galeria de arte da universidade. Desenvolve intensa pesquisa no campo da artes contemporânea



Alcindo Moreira Filho, projeto “As paredes têm orelhas”.  
Ferro oxidado e pintado. Várias dimensões. 2014.

O projeto “Paredes tem orelhas” apresenta-nos um conjunto de formas ou objectos que já foram de um casa de família ou de um local de trabalho, ou seja, de lazer ou de labuta e que adquiriram novos significados.

Os objetos mais resilientes como que preservam as rugas do tempo e manifestam quase que uma estética da mumificação, uma arte preservação realizada pelo corte, a colagem, a solda, a corrosão, a oxidação, a pintura.

As formas circulares que contemplamos evocam o universo, o cosmos, que é um todo ordenado ou ornamentado.

O ser é redondo (...). As imagens da *plena redondeza* ajudam-nos a congregar-nos, a darmos a nós próprios uma primeira constituição, a afirmarmos o nosso ser intimamente, pelo interior (BACHELARD, p.350).

Na “Poética do Espaço”, Bachelard nos lembra Van Gogh: “A vida é provavelmente redonda”. Aqui, o que o filósofo nos reintroduz, não é apenas a percepção fenomênica da esfericidade da existência humana, mas a lembrança do caráter cíclico do existir.

Ao lembrarmos das origens da concepção dialética, nos remetemos a Heráclito e sua valorização do caráter cíclico da vida humana. No capítulo “A fenomenologia do redondo”, que encerra o livro já citado, Bachelard nos auxilia a compreender através de asserções fenomenológicas, como a de Van Gogh, que esse caráter dialético da existência humana, já vivo em Heráclito, e perceptível nas falas posteriores acerca do caráter esférico da realidade e sua qualidade dialética, compõe todas as dimensões do cotidiano humano, em sua esfera individual e social.

As obras apresentadas evocam a continuidade e perpetuação da matéria, a experimentação, a serialidade, a repetição, a apropriação, a acumulação, a multiplicação, a sustentabilidade, a transitoriedade, a transmutação, a reciclagem e a ressignificação.

O criador das novas formas é, sobretudo, um reutilizador, um reordenador das coisas, mas também por extensão do ambiente e da psique de todos os que os contemplarem ou utilizarem, o que ecoará luminosamente ou como novo ornamento no Universo do Logos ou Razão e dos seus significados.

### O encontro entre os “Discursos (in)directos” e as “Paredes têm orelhas”

Esta reflexão possibilita relacionar a ressonância das obras contemporâneas de Mónica Oliveira, artista portuguesa, e de Alcindo Moreira Filho, artista brasileiro, cujos trabalhos evocam a duração no tempo dos objetos, a mutabilidade e a transitoriedade dos seus usos e significados.

Podem-se observar analogias nos processos de criação de ambos, tais como a criatividade de um trabalho rigoroso e a capacidade de desenvolverem as especificidades técnicas e processuais para obra de acordo com o material utilizado, o qual gera necessidades exclusivas bem condicionadoras.

No mundo onde os e-mails são disparados automaticamente aos milhares, os “Discursos diretos (in) directos”, permeados por envelopes, cadeados que se fecham, origamis e simetrias sequenciais dobradiças levam-nos a refletir sobre o consumismo, a industrialização, a troca do trabalho manual pela dependência da máquina, a passagem cada vez mais rápida e não aprofundada do tempo e das horas.

Na era do objeto descartável, onde as pessoas trocam de celular, computador ou carro num ritmo cada vez mais acelerado e ecologicamente irresponsável, o projeto “As paredes têm orelhas” materializa a tomada de controle consciente e ressignificadora de objetos usados, evitando assim o seu destino para a lixeira e manifestando uma sensibilidade ecológica, estética e artística de preservação, transmutação e salvação ressignificante.

As obras podem despertar quase infinitas relações e reflexões teórico-práticas e existenciais, assim como a projeção de novas referências a partir do grau consciencial e cultural do apreciador fruidor. O olhar sensível e a percepção aguçada, conscientemente coerente ou em sintonia com os homens e o mundo e a natureza de seu tempo, proporcionam as produções ou criações de cada um com o seu caráter original e específico.

As formas movem os nossos corpos, propõem a ação de aguçarmos os sentidos em função, sobretudo da área visual e do campo corporal afetado ou que interage e são, portanto, objetos com um grande potencial de despertarem ou inspirarem uma poética dos afloramentos ou mesmo adensamentos sinestésicos. Comensuram o incomensurável, transportam o ser para outros lugares, contextos e dimensões, originando ou propondo novas significações, propulsoras de várias leituras perceptivo-sensoriais do mundo com as consequentes dinamizações da ornamentação do Todo.

Artistas críticos, ativos, responsáveis, coerentes e conscientes das consequências da sua existência são importantes ou mesmo fulcrais para a evolução da humanidade enquanto co-criadores de sua época. Resignificam os objetos e sentidos esquecidos ou perdidos, abandonados ou descartados em prol da conservação e preservação, memória e valorização, renovação e transformação, transmutação e vitalidade das melhores potencialidades humanas.

No meio da crise e dos desastres mundiais somos então impulsionados a pensar na saturação e ilusão de muitos dos falsos valores da sociedade, tais como o individualismo, o progresso a qualquer preço ou o trabalho meramente utilitário, e por meio da arte podemos vislumbrar e contribuir para um mundo melhor, no qual o Microcosmos humano refletirá mais luminosamente o Macrocosmos, ou o Todo belo e ordenado.

Porto, outono de 2015.

### Referências

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Martins Fontes. São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Espaço**. Martins Fontes. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57089481/BACHELARD-Gaston-A-Poetica-Do-Espaco#scribd> Acessado em: 15/10/2015, 10h30

SILVEIRA, Laureano. **Presentificação do Ausente**2007. Disponível em: <http://www.monicaoliveira.net/pt.html>. Acessado em: 13/10/2015, 09h20.